

Segredo está no olhar do cidadão

No mundo, o programa 100 Resilient Cities da Fundação Rockefeller formou uma rede de 100 cidades que trabalham a resiliência urbana

As cidades da rede 100RC trocam informações e ideias

Esse intercâmbio entre as cidades da rede é possível graças ao uso da tecnologia

Após o terremoto de 2017, a iniciativa de quatro integrantes de uma startup da Cidade do México contribuiu para engajar a população em uma estratégia de mapeamento dos edifícios atingidos pelo abalo sísmico, que depois foi incorporada pelo poder público. A participação das comunidades na construção das estratégias de resiliência das cidades foi defendida por Pablo Lazo em sua palestra no Agenda Bahia. O especialista acredita que as mudanças sociais precisam ser vistas pela ótica do cidadão, tanto quanto de governos e empresas.

O aplicativo SalvatCasa (Salve sua casa, na tradução do espanhol) permitia aos moradores das áreas atingidas pelo terremoto o registro de informações sobre os edifícios onde moravam, com fotografias e preenchimento de um formulário sobre os danos sofridos nos locais.

“Em duas semanas, o aplicativo havia mapeado mil edifícios. Nesse mesmo tempo, as plataformas oficiais não tinham conseguido levantar os dados que a população conseguiu”, acrescentou Pablo Lazo.

A ferramenta foi incorporada pelo poder público por oferecer também três informações essenciais em situações em que uma cidade precisa se recuperar de um choque: dizia se havia vítimas nos escombros, quanto tempo o prédio demoraria para voltar a funcionar e quanto seria reconstruí-lo.

Outro exemplo do engajamento da sociedade civil mexicana durante o terremoto – e que serve também para explicar a resiliência urbana – foram os mutirões realizados pela população para transportar alimentos e remédios para os desabrigados. Como o sistema de transportes da Cidade do México parou por duas semanas, enquanto ocorria o trabalho de busca por desaparecidos nos escombros, os moradores da cidade utilizaram bicicletas para levar os viveres até os necessitados.

Com base na experiência mexicana, Lazo sugeriu três pontos para a transformação de Salvador em cidade resiliente: focar na contribuição da sociedade civil: “Essa é a chave para o futuro resiliente”; desenvolver sua vocação para a inteligência urbana, incentivando a inovação em todas as esferas sociais; e para enfrentar as desigualdades da cidade, tornando Salvador mais humana, buscar a transformação econômica.

Pablo Lazo contou histórias de sua cidade natal para explicar a resiliência urbana



Cidades que renascem

Transformação Resiliência urbana ajuda a minimizar tragédias e tensões sociais

Andreia Santana

REPORTAGEM
andreia.santana@redabahia.com.br



Em 19 de setembro de 2017, um terremoto de 7.1 graus na escala Richter atingiu a região de Morelos, no centro do México, e também provocou o desabamento de diversos edifícios na capital do país, Cidade do México. Mais de 350 pessoas morreram na catástrofe, que aconteceu exatamente no aniversário da maior tragédia enfrentada pelos mexicanos, um outro terremoto, dessa vez com intensidade 8.1 e que matou 10 mil pessoas, em 1985.

Os dois tremores foram ci-

tados, ontem, por Pablo Lazo, diretor da consultoria internacional Arup e professor de desenvolvimento sustentável e resiliência urbana, durante a conferência de abertura do seminário Sustentabilidade do Agora, evento do Fórum Agenda Bahia 2018 que aconteceu na sede da Federação das Indústrias da Bahia – Fieb, no Stiep.

Na palestra Salvador Humana, o especialista, que é natural da Cidade do México, trouxe para a plateia do seminário a história das duas tragédias para explicar aos baianos o conceito de resiliência urbana: “A capacidade das cidades para responder e, ao mesmo tempo, continuar seu desenvolvimento, diante das tensões que surgem, sejam grandes catástrofes ou tensões sociais”, definiu Lazo.

O avatar da fênix, a ave mitológica que renasce das próprias cinzas, serve para demonstrar como o conceito de cidade resiliente ou resiliência urbana nasceu. A discus-

são sobre de que forma as cidades poderiam se recuperar mais depressa após grandes choques começou justamente depois do terremoto de 1985 no México, disse Lazo.

Segundo ele, o conceito de resiliência adotado para o planejamento urbano foi emprestado da medicina, que já pesquisava de que forma um organismo pode se tornar mais forte diante de situações de ameaça à vida.

O conceito, no entanto, lembrou Lazo, não descreve apenas a recuperação de grandes tragédias. “Existem outras situações em que um planejamento para a resiliência é necessário, como na ocorrência de choques e tensões”, acrescentou Pablo Lazo.

ENTENDIMENTO SISTÊMICO

As cidades são formadas por diversos componentes e, de acordo com Pablo Lazo, as estratégias de resiliência, para dar certo, além de focar nos olhares de todos os atores sociais, também precisam enxergar a simbiose entre todos os sistemas da cidade. “Transporte, mobilidade, lixo, água, energia, zoneamento, é preciso entender que os sistemas são interconectados e que qualquer alteração em uma parte dele mexe com os demais”.



MARINA SILVA

“Transformar Salvador para um futuro mais humano requer entender que essa mudança começa pela transformação na economia

“O planejamento resiliente procura abordar as tensões crônicas no dia a dia das cidades
Pablo Lazo

Diretor da consultoria Arup e coordenador de projetos de resiliência em Salvador

Em busca de expandir esse conceito de planejamento sistêmico e resiliente em todo o mundo, em 2014, a Fundação Rockefeller iniciou o programa 100 Resilient Cities (Cem Cidades Resilientes), uma rede que contempla metrópoles de todos o mundo e da qual Salvador faz parte.

Pelo programa, a capital ganhou, no ano passado, uma Diretoria de Resiliência, que faz parte da Secretaria Municipal de Cidade Sustentável e Inovação (Secis). Atualmente, a diretoria trabalha na criação do plano de Resiliência Urbana de Salvador, com previsão de ser lançado no fim do ano.

Pablo Lazo é consultor da iniciativa na cidade, pela Fundação Rockefeller, e, de acordo com ele, a cidade ganhou no compartilhamento de informações com as outras integrantes da rede.

“Na América Latina, a troca de conhecimentos, ideias e informações é muito produtiva. Há 10 anos, esse compartilhamento era mais difícil, porque não havia tecnologia e nem havia programas internacionais”, disse.

Ainda segundo Lazo, o trabalho da Diretoria de Resiliência tem nove meses, período em que a equipe buscou reunir diversos setores para entender onde estão e quais são as tensões da cidade.

ESTRATÉGIAS RESILIENTES

- 1 TECNOLOGIA**
AS CIDADES PODEM MAPEAR ONDE OCORREM AS SITUAÇÕES CRÍTICAS, USANDO TECNOLOGIAS QUE PERMITEM TANTO O MAPEAMENTO COMO AS PREVISÕES, GERANDO UMA RESPOSTA MAIS RÁPIDA, QUANTO A ELABORAÇÃO DE ESTRATÉGIAS PARA O FUTURO
- 2 PARTICIPAÇÃO**
É PRECISO PROMOVER O PROCESSO PARTICIPATIVO NA CONSTRUÇÃO DA ESTRATÉGIA DE RESILIÊNCIA. AS PREFEITURAS DEVEM RECOLHER IDEIAS E SUGESTÕES E FORMAR UMA VISÃO BASEADA NOS PONTOS DE VISTA DO PODER PÚBLICO, DAS EMPRESAS PRIVADAS E DA POPULAÇÃO
- 3 SIMBIOSE**
O PLANEJAMENTO DA CIDADE RESILIENTE TEM DE LEVAR EM CONTA A SIMBIOSE ENTRE OS DIVERSOS SETORES QUE COMPOEM AS CIDADES. ENTENDENDO QUE AS ESTRATÉGIAS QUE ALTERAM UMA SITUAÇÃO TERÃO EFEITOS EM OUTRAS ÁREAS

Fórum traz tema para que a Bahia planeje o seu futuro

O Fórum Agenda Bahia chegou este ano à sua 9ª edição cumprindo a missão de promover debates e buscar soluções para o desenvolvimento da Bahia e de seus municípios. O seminário de ontem, Sustentabilidade do Agora, discutiu sobre cidades resilientes e as transformações geradas pelos negócios sociais.

“A cada edição do Agenda Bahia, nos empenhamos em promover discussões sobre assuntos relevantes para a sociedade. Desde que o fórum foi criado, já recebemos 8,5 mil pessoas, que participaram de 235 atividades. Esses são números que reafirmam o CORREIO como protagonista das mudanças que os novos tempos exigem para a nossa sociedade”, destacou o presidente da Rede Bahia, Antonio Carlos Júnior, na abertura do evento.

Para o vice-presidente da Fieb, Carlos Passos, as discussões se relacionam com os desafios que a própria entidade enfrenta: implantar a indústria 4.0 e, através da inovação, melhorar processos. “Estamos sempre com esse olhar de aproveitar, utilizar e participar do desenvolvimento de tecnologia, sem perder o horizonte. Não adianta participar do desenvolvimento de tecnologia se não pensarmos nas pessoas. A Bahia padece desse momento de planejar, de olhar para si e enxergar que ela é capaz de avançar nesse desenvolvimento”.

Já o vice-prefeito de Salvador, Bruno Reis, pontuou que o Fórum se tornou o evento mais importante do estado para debater uma agenda positiva e buscar alternativas para o enfrentamento de dificuldades. “Hoje, Salvador tem o orgulho de estar entre as 100 cidades resilientes do mundo, com a chancela da Fundação Rockefeller”, falou, representando o prefeito ACM Neto.

O diretor de Jornalismo e Mídias Digitais do CORREIO, Roberto Gazzi, não escondia o entusiasmo ao ver o evento tão cheio. “Esse é o principal termômetro de um evento e a gente teve que encerrar as inscrições uma semana antes. Tivemos todas as mesas-redondas e workshops lotados. Além disso, foi o primeiro trabalho das startups que estão participando do Acelere-se. As oito ideias que foram trazidas aqui são ótimas. São ideias inventivas, para melhorar nossas vidas”.

Já a curadora de conteúdo do Agenda Bahia, Rachel Vita, apontou que o maior propósito desta edição é debater como o homem e a máquina podem andar juntos nessa nova era tecnológica. “Nesse primeiro seminário, a gente fez um recorte para as cidades: como é que o homem e a máquina podem contribuir para que as cidades sejam mais sustentáveis. Como é que a criatividade e a inovação podem ajudar as cidades a serem mais sustentáveis e resilientes”, explicou.

Ao todo, o Fórum Agenda Bahia recebeu pouco mais de 900 inscrições só para este seminário. Entre os participantes, o biólogo Eduardo Dalto, 31 anos, elogiou as palestras. “Os temas são atuais e os palestrantes são referências na área”, afirmou. A coordenadora de projetos sociais Malana Brandão, 31, conseguiu relacionar o que foi apresentado com sua própria realidade. “Eles falaram que a gente tem de construir as soluções com as comunidades e não levar algo já pronto”.



“Desde que o Fórum foi criado, já recebemos 8,5 mil pessoas, que participaram de 235 atividades
Antonio Carlos Júnior

presidente da Rede Bahia



“A Bahia padece desse momento de planejar, de olhar para si e enxergar que ela é capaz de avançar nesse desenvolvimento
Carlos Passos

Vice-presidente da Fieb

“A casa cheia é o principal termômetro de um evento e a gente teve que encerrar as inscrições uma semana antes. Tivemos todas as mesas-redondas e workshops lotados
Roberto Gazzi

Diretor de Jornalismo e Mídias do CORREIO

“Os temas são atuais e os palestrantes são referências na área
Eduardo Dalto

Biólogo que assistiu ao evento de ontem

PATROCÍNIO TRADE



APOIO INSTITUCIONAL



APOIO



REALIZAÇÃO

